

Aula 4

DIDÁTICA PARA QUEM NECESSITA DE DIDÁTICA

META

Apresentar as principais características do modelo didático conhecido como “os quatro passos formais”, sugerido pelo pensador Johan Friedrich Herbart; apresentar os sentidos de aprendizagem, ensino, conteúdos e avaliação veiculados na *Pedagogia geral derivada dos fins da educação* (1806) e *Esboço de lições pedagógicas* (1835).

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: relacionar critérios de seleção de disciplinas e condição sócio-econômica do alunado, segundo a teoria educacional de Herbart; estabelecer diferenças entre as formas de aquisição do conhecimento propostas por Locke e por Herbart.

PRÉ-REQUISITOS

Disposição para rememorar as práticas de ensino dos seus professores no ensino superior e para opinar sobre os critérios de seleção das disciplinas escolares na elaboração dos currículos do ensino fundamental.

Itamar Freitas

INTRODUÇÃO

Nas duas aulas anteriores, afirmei que as ações de ensinar ganharam a forma de princípios naturais (ensinar fácil, rápido e sólido) e de exercício das faculdades. Aqui, veremos que uma nova concepção de mente vai originar a organização do ensino como quatro passos formais: clareza, associação de ideias, sistematização e aplicação. Esta foi uma das contribuições do pensador alemão Johan Friedrich Herbart (1776/1841) à construção da Pedagogia como ciência e da Didática como disciplina para a formação de professores.

Herbart pensava o homem ideal a ser formado como aquele capaz de, por si próprio, distinguir o bem do mal, escolher o primeiro e afastar-se do segundo em suas ações cotidianas. Dessa forma, se a educação era processo de formação do homem, e homem moral, caberia à educação, portanto, transmitir valores que orientassem a sua conduta – uma conduta caracterizada pelas ações dignas de aprovação (o bem).

Claro que Herbart não resumiu as finalidades da educação à formação do caráter. Ele mencionou alguns fins determináveis, de livre escolha do educando (aquilo que se quer tolerar ou que se quer realizar). No entanto, o que determinava o ideal educativo eram, efetivamente, os fins morais: perfeição, justiça, bondade e liberdade interior. Essas ideias deveriam ser inculcadas em todas as pessoas durante o processo de formação, sobretudo pelos pais e mestres.



Caráter. (Fonte: <http://grandesmensagens.com.br>). Capturado em 27 mai. 2011

Como fazê-lo então? Para Herbart, cumprir a tarefa principal da educação exigiria rigor, estudo e controle por parte dos educadores. Numa palavra, a educação deveria ser científica. Tal concepção do trabalho educativo resultou na elaboração de uma obra cujo título revela as concepções de homem e de educação e também a sua intenção de reservar à Pedagogia o *status* de saber sistematizado: *Pedagogia geral derivada dos fins da educação* (1806).

Na *Pedagogia geral* de Herbart, os instrumentos da tarefa educativa são: governo, instrução e disciplina. O governo é um conjunto de procedimentos que subjuga a impetuosidade das crianças, preservando-a e também aos seus pares. É exercido pelos pais por meio da autoridade e do amor.

A instrução (assunto principal desta aula) apresenta os conhecimentos fornecidos pela ciência e estimula o interesse pelos homens. E a disciplina, por fim, tem a função de preparar o estado de espírito do aluno para que ele receba a instrução, exercida por meio da pressão, obrigação e castigo.



Johan Fredrich Herbart (1777/1841). (Fonte: <http://etc.usf.edu>). Capturado em 27 mai. 2011.

Johan Fredrich Herbart nasceu em Oldenburg – Alemanha, dedicou-se à Filosofia e atuou como preceptor e professor universitário. Publicou, entre outros trabalhos, *Pedagogia geral deduzida do fim da educação* (1806), *A filosofia prática geral* (1808), *Psicologia como ciência fundada, segundo um método novo, na experiência, na metafísica e na matemática* (1824/1825) e *Esboço de lições de Pedagogia* (1835/1841). (Cf. Gomes, 2003, p. xiii-xl).

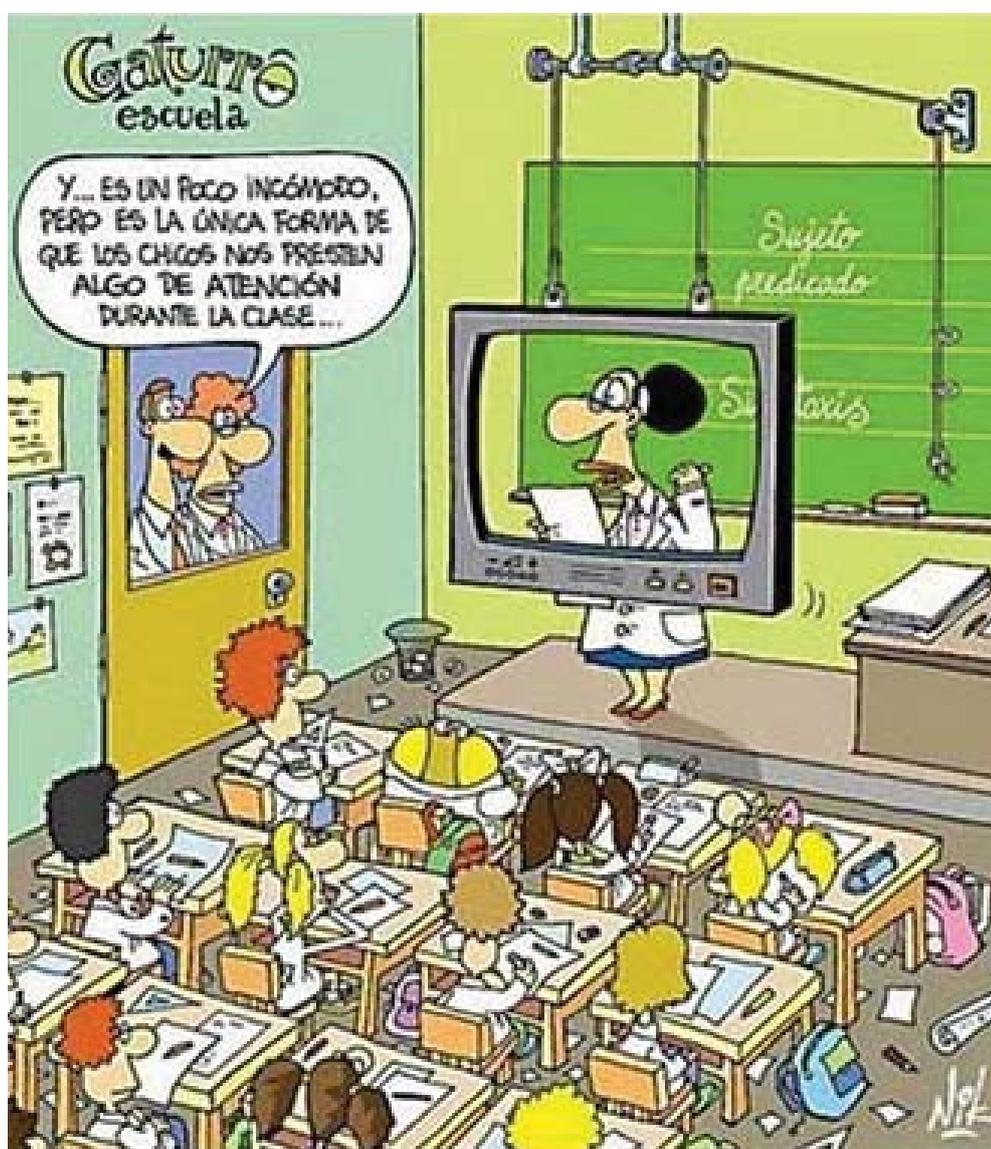
APRESENTAR E REFLETIR

A instrução também pode ser chamada de Didática. E foi nessa parte da *Pedagogia* e, tempos depois, do *Esboço* onde o autor melhor explicitou as suas noções de ensino e de aprendizagem. Mas o fez, repito – como todos os outros teóricos que lhe seguiram –, a partir de uma compreensão singular do funcionamento da mente e do pensar humano.

Para Herbart, nossos pensamentos, sentimentos e ações não seriam governados por um conjunto de faculdades isoladas, como se defendia à época: a memória, imaginação, inteligência, juízo estético entre outros. Vejam que ele faz essa afirmação em 1806, mas, ainda hoje, ouvimos pessoas dizerem que fulano de tal “sofre das faculdades mentais” ou que tem problemas com a “faculdade da memória”.

Em lugar de vários órgãos trabalhando independentemente, o que existia na “alma” das pessoas eram apenas conjuntos de ideias em conflito: ideias novas querendo se estabelecer e ideias já estabelecidas na consciência defendendo o seu espaço. Essas hipóteses o conduziram à concepção de que ensinar algo a alguém seria apresentar-lhes objetos (ou formas, sinais) com a finalidade de ampliar o seu círculo de ideias. É importante destacar aqui o papel das ideias. Para Herbart, elas geram sentimentos que, por sua vez, determinam as maneiras de agir da pessoa.

Para ensinar algo a alguém de forma controlada, ou seja, com método, portanto, o professor deveria conduzir o aluno a descrever (observar) as coisas (a natureza, em sua variedade, regularidade e relações estéticas), analisar e sintetizar. O ato de apresentar os objetos aos alunos – de dar a conhecer o seu entorno – era dividido em quatro etapas que correspondiam à ordem psicológica ou ao “movimento da alma”, que, por sua vez, alternava momentos de concentração (clareza e associação de ideias) e de reflexão (sistematização e método).



Concentração. (Fonte: <http://escolaquetransforma.blogspot.com>). Capturado em 28 mai. 2011

Para que o espírito se mantenha sempre unido, prescrevamos antes a seguinte regra para o ensino: no mais ínfimo grupo dos seus objetos devemos atribuir direito idêntico à [concentração] e à reflexão; portanto, clareza de cada assunto, associação de multiplicidade de assuntos, ordenação do que foi associado e um treino sucessivo e regular no progresso através desta ordenação. É nisto que se baseia a limpeza que tem de prevalecer em tudo o que se ensina (Herbart, 2003, p. 86).

Esses quatro momentos (clareza, associação, sistema e método), característicos do pensar humano, constituíam os “quatro passos formais” do ensino. Com a morte de Herbart, seus seguidores repartiram o primeiro passo (clareza) em dois (preparação e apresentação) e ajudaram a disseminar os, então, “cinco passos formais” nos manuais de Didática do início do século XX. Vejam, no quadro n. 1, o detalhamento do método geral de ensino produzido por Herbart.

Quadro n. 1 - O método dos passos formais no ensino

Passos	Descrição
1 PREPARAÇÃO	O professor prepara o espírito do aluno para a recepção do assunto ou tema da lição. A apresentação é feita reavivando e evocando com clareza na mente do aluno as ideias já adquiridas que têm alguma relação com as ideias novas, de modo que por sua semelhança as expliquem ou ajudem a entendê-las.
2 APRESENTAÇÃO	Dá a conhecer o assunto da lição. Pode ser feita oralmente ou por escrito, em forma interrogativa, mediante demonstração, etc.
3 ASSOCIAÇÃO	Reune ideias novas e as compara entre si e com as anteriormente adquiridas – comparar e combinar o novo e o velho.
4 RECAPITULAÇÃO	Conduz o aluno a descobrir o que há de geral e abstrato nas coisas individuais e concretas. Por meio de perguntas habilmente dirigidas, o mestre fará ressaltar o princípio, conceito, lei ou regra geral, livre de suas aplicações particulares, e reduzirá o conhecimento a uma forma verbal definida.
5 APLICAÇÃO	Cria situações para que o aluno ponha a serviço da vida o que se adquiriu nos passos anteriores. Consiste numa série de exercícios ou prática do material aprendido. Pode, também versar sobre uma lição ou série de lições intuitivas.



ATIVIDADES

Tente recordar a sua vivência como aluno na Universidade. Em qual(is) disciplina(s) encontrou essa sequência de momentos didáticos? Imagine-se no lugar desse(s) professor(es). De qual maneira você apresentaria a mesma matéria aos seus alunos na Universidade?

CONHECER A NATUREZA E AMAR AOS HOMENS

Vimos até agora que o ensinar, para Herbart, era um conjunto de procedimentos que visava ampliar o círculo de ideias dos alunos, promovendo, sobretudo, o interesse pelo conhecimento da natureza. Para tanto, deveria o professor seguir, em sua aula, os momentos didáticos de preparação, apresentação, associação, recapitulação e aplicação. Mas, e quanto ao aprender? E sobre as matérias e as formas de avaliação, o que disse o pensador alemão a respeito?

Herbart escreve pouco sob o ponto de vista dos alunos. No entanto, é possível inferir que o ato de aprender constitui-se em adquirir conhecimentos que lhe permitam agir retamente. As habilidades envolvidas na aquisição do conhecimento são mediadas pelo estágio de desenvolvimento (as suas potencialidades mentais). Seguem, assim, uma progressão por complexidade.

De 4 a 8 anos, para aprender é necessário intuir os objetos a partir do contato pelos sentidos, por exemplo, da visão e da audição. Dos 8 anos à adolescência, é fundamental compreender o sentido das palavras – dar sentido às mesmas, partindo da sua própria experiência.

De forma geral, o aprender é também mediado pelas habilidades de descrever (observar), analisar (compartimentar – observar e comparar partes e relações) e sintetizar (reunir – generalizar). É dessa forma que pode o aluno “fixar” os principais eventos “na memória”, “imprimir noções exatas [de Geografia antiga] no espírito”, “inculcar profundamente” a noção de proporção, fazer o conhecimento aritmético “penetrar na massa total [das suas] ideias” (Herbart, 1894, p. 319, 320, 328, 330).

As habilidades mobilizadas no aprender obedecem também ao curso do “movimento da mente” que vimos no tópico anterior. No exemplo a seguir, fica mais claro que o aprender herbartiano é adquirir, mas também aplicar os conhecimentos em sua vida.

Um jovem ouve de um dos seus amigos a narração do que viu na jaula dos felinos de um jardim zoológico (preparação). Terminada a descrição oral, o jovem vai observar pessoalmente as feras (apresentação), compara-as entre si (associação), estabelece os traços característicos dos felinos (recapitulação), e aplica a definição a um gato que encontra (aplicação). Sem o perceber o rapaz ministrou a si próprio uma lição herbartiana (Aguayo, 1954, p. 85).

Em resumo, aprender é adquirir conhecimentos cada vez mais ampliados sobre a natureza e sobre os homens, no tempo (da antiguidade à idade moderna) e no espaço (da vila à nação), por meio do amor, intuição, compreensão das palavras, retenção de ideias na memória e uso dessas mesmas ideias no governo da sua própria vida.



Conhecer o mundo. (Fonte: <http://www.vejaki.com.br>). Capturado em 28 mai. 2011.

RELIGIÃO, HUMANIDADES, MATEMÁTICA E CIÊNCIAS NATURAIS EM CONJUNTO

Aprender é adquirir conhecimentos. Mas, aprender o quê? Obviamente, o primeiro critério de seleção das matérias está descrito nas finalidades da Educação e da Didática: formar o homem moral por meio do conhecimento da natureza e do amor aos homens.

Para despertar o interesse pelos homens – a simpatia (amor) pelos indivíduos, sociedades e por Deus –, Herbart indicava o ensino da Religião. Para o conhecimento da natureza ou do mundo que cercava o aluno, o currículo herbartiano previa o ensino de História, Matemática e Ciências Naturais, Geografia, Língua Maternal, Língua Grega e Língua Latina.

Todas eram importantes. Mas Herbart acentua os valores da História e da Geografia. Lembra-se de que a função do ensino era ampliar o círculo de ideias dos alunos no tempo e no espaço? Agora vemos por que tais matérias ganham destaque. Alargar a experiência temporal significava, entre outros atributos, conhecer os modos de sentir e agir dos homens desde a Grécia ao início do século XIX.

Estender o conhecimento do espaço, da mesma forma, implicava em partir da descrição do local de origem (da vila, da cidade natal do aluno) e chegar ao domínio da forma e do movimento dos planetas. E não era só isso. A Geografia estava na base de vários outros estudos, conectando, por exemplo, Ciências Naturais, Astronomia, História e Matemática (Cf. Herbart, 1884, p. 337).

Mas todos deveriam aprender tudo? Para Herbart a resposta é sim e não. Sim, porque o conhecimento da natureza estava disperso por várias ciências. Os conteúdos e métodos de ensino da Geografia, por exemplo, estariam em relação direta com os conteúdos e métodos da Matemática, Astronomia e Ciências Naturais. O ensino de História, por sua vez, alimentaria o ensino das línguas Grega e Latina e não seria bem sucedido se não lançasse mão dos conteúdos e métodos da Geografia.

Por outro lado, nem todos estudariam todas as matérias com o mesmo grau de aprofundamento. Aqui entra o segundo critério de seleção: o *status* sócio-econômico ocupado pelos alunos. Herbart constatava ser “é bem mais difícil estender o horizonte intelectual no domínio do passado que no domínio do presente”. Daí, justifica a ênfase diferenciada na distribuição do tempo e do nível de aprofundamento das citadas matérias: a Geografia é mais importante para a educação das “mulheres” e das “classes inferiores”. Tal afirmação nos dá a entender que a História ganharia maior espaço e aprofundamento no ensino dos homens e das elites.

A História teve mesmo grande peso em sua Didática. Herbart considerava o relato sobre a experiência humana como o “grande preceptor da humanidade” (Herbart, 1894, p. 322), ou seja, o conhecimento sobre o que aconteceu ensinava a moldar o futuro (evitar erros, construir bons modelos de conduta). Tal importância explica a forma de distribuir os conteúdos ao longo da vida escolar. As línguas clássicas, por exemplo, deveriam preceder as línguas modernas e o ensino de História deveria contemplar os historiadores gregos e, somente depois, os historiadores contemporâneos.



ATIVIDADES

Qual a sua posição sobre o pensamento de Herbart? Você considera que alguma(s) disciplina(s) têm o poder de desenvolver determinadas habilidades que serão fundamentais à aprendizagem de todas as disciplinas do currículo do ensino fundamental? Quais as disciplinas que, sob o seu ponto de vista, deveriam ser excluídas dos currículos? Argumente a sua posição e discuta com os seus colegas a respeito.



Conteúdos. (Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>). Capturado em 28 mai. 2011

APLICAR, DEMONSTRAR, FAZER USO DO APRENDIDO

No tópico anterior citei uma rápida passagem onde Herbart emprega os termos “inculcar profundamente” e “penetrar na massa de ideias” do aluno. Essa ideia de transferir e acomodar os conhecimentos adquiridos na escola em uma região mais profunda da mente, é às vezes, comunicada por meio da expressão “aprender de memória”. O que essas metáforas podem informar sobre a sua ideia de avaliação da aprendizagem?

Como Herbart não explora muito o assunto, responderei a partir de conjecturas. Avaliar o aluno seria, então, verificar se ele aprendeu ou não, isto é, se foi retido ou não determinado conhecimento nas zonas mais profundas da mente. E a forma de verificar essa acomodação na memória era fazê-lo repetir oralmente ou por escrito, de forma intercalada, durante uma aula, ou às vésperas de introduzir um novo assunto, os principais rudimentos da matéria.

A forma clássica de avaliação no modelo herbartiano corresponde ao quinto passo do método, anunciado no quadro n. 1. Na aplicação, o professor criaria situações para que o aluno pusesse a serviço da vida o que se adquiriu nos passos anteriores. A avaliação – com o sentido de verificação da aprendizagem – consistiria numa série de exercícios orais ou de repetição de experiências realizadas pelo professor ou pelos próprios alunos, nas quais fosse possível medir não apenas o grau de retenção de ideias (resultados), mas também o estágio de desenvolvimento de determinadas habilidades como as descritas no tópico anterior: compreensão, observação, análise e síntese.

CONCLUSÃO

A Didática herbartiana previa o ensino por etapas (ação e reflexão) desdobrados em cinco momentos didáticos: preparação, apresentação, associação, recapitulação e aplicação. A seleção do currículo dependeria, entre outros fatores, do *status* sócio-econômico do aluno. As matérias seriam distribuídas cronologicamente, e ministradas de forma integrada de modo que o aluno as inculcasse na consciência por meio da memorização. A verificação da aprendizagem consistiria no quinto passo do método de ensino: aplicação dos conhecimentos adquiridos por via oral, escrita ou experimental.



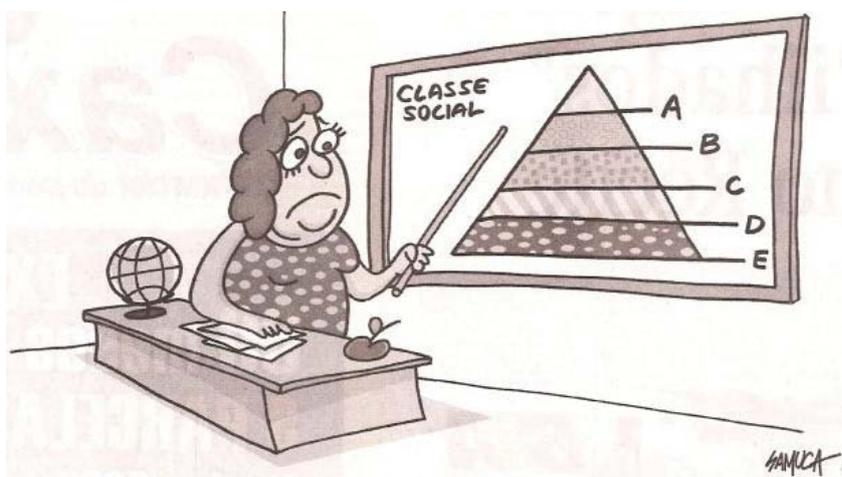
RESUMO

Herbart pensava a educação como formação moral. Homem moral seria o indivíduo capaz de, por si só, agir orientado pelo bem e afastar-se do mal. Essa concepção de educação foi expressa em *Pedagogia geral derivada dos fins da educação* (1806) e *Esboço de lições pedagógicas* (1835) que apresentavam a educação como tarefa tripartite: governo, instrução e disciplina. A instrução (Didática) previa um método de ensino etapista, assemelhado aos movimentos da alma (ação e reflexão), uma aprendizagem fundada em processos de “inculcação”, “impressão” e “retenção” de conhecimentos na consciência (via repetição de falas, leituras e experiências conduzidas pelo professor), e a avaliação como repetição das atividades no meio dos estudos ou na introdução de novas matérias, selecionadas para cumprir as finalidades educativas: a Religião para estimular a simpatia (amor) pelos homens e a História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Língua Materna, Língua Grega e Língua Latina para dar a conhecer a natureza que cercava o aluno.



AUTOAVALIAÇÃO

1. Para Herbart, em que medida as condições de gênero e de *status* sócio-econômico do alunado interfere na seleção das disciplinas escolares?
2. Que diferenças podem ser listadas entre as formas de adquirir conhecimento propostas por Locke e por Herbart?



Classes sociais. Fonte: (Classes sociais - <http://ccavalcanti.files.wordpress.com>).
Capturado em 28 mai. 2011

RETROALIMENTAÇÃO

1. Para Herbart, nem todos os alunos devem estudar todas as disciplinas. Se instruir é fazer ampliar o horizonte temporal e espacial dos alunos, o professor deve estimulá-lo a se interessar e conhecer o passado longínquo (ampliação temporal) e as características físicas de lugares distantes da sua terra natal (ampliação espacial). No entanto, mulheres e pobres têm maiores dificuldades com a História. Na elaboração dos currículos, essa constatação deve ser considerada.

2. Locke defende a aquisição do conhecimento sobre o mundo mediante exercício das faculdades e o emprego dos sentidos. Para ele, aprender está condicionado ao exercício e ampliação dos poderes mentais e corporais. Herbart também dá importância à ação dos sentidos, mas entende como relevante o conflito entre as ideias já estabelecidas e as novas ideias apresentadas aos alunos. Em Locke a ênfase está no exercício das faculdades. Em Herbart, essa ênfase é deslocada para a ampliação do círculo de ideias dos alunos.



PRÓXIMA AULA

Na aulas n. 5 e 6, apresentarei algumas ideias defendidas pelos behavioristas (comportamentalistas), a segunda grande tendência explorada neste curso. Tratarei, especificamente, dos modelos didáticos de Burrhus Skinner e de Ralph Tyler, que entendiam a aprendizagem como mudança de comportamento.

REFERÊNCIAS

HERBART, Johann Friedrich. Esquisse de leçons pédagogiques. In: **Principales euvres pédagogiques** (Pédagogie générale, Esquisse de leçons pédagogiques, Aphorismes et extraits divers). Paris: Félix Alcan, 1894. pp. 291-381.

_____. **Antologia**. Buenos Aires: Losada, 1946.

_____. **Pedagogia general derivada Del fin de la educación**. Madrid: La Lectura, s.d.

- _____. **Pedagogia Geral**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- ORTEGA y GASSET, Prólogo. In: HERBART, Johann Friedrich. **Pedagogia general derivada del fin de la educación**. Madrid: La Lectura, s.d. pp. 7-58.
- LUZURIAGA, Lorenzo. Herbart. In: HERBART, Johann Friedrich. **Antología**. Buenos Aires: Losada, 1946. pp. 7-16.
- MAUXION, Marcelo. **La educación por la instrucción y las teorías pedagógicas de Herbart**. Madrid: Daniel Jorro, 1927.
- FRITZSCH, Theodor. Joan Frederico Herbart. Barcelona: Labor, 1932.
- HILGENHEGER, Norbert. Johann Friedrich Herbart (1776/1841). **Perspectives** – Revue Trimestrielle d'éducation comparée, Paris, v. 23, n. 3-4, p. 669-684.